



## *Egoísmo*

Chove: a velha raposa está no seu esconderijo. Mas não está só; rodeiam-na as suas três filhas que querem sair mesmo a chover. E a velha raposa, de um lado para o outro, trabalhadora, inquieta, vigiando as maldades das filhas, acabou por se cansar e sentou-se molengona a abrir a boca e a fechar os olhos.

— Mãe, conta-nos uma história; mas não uma história moral; está a chover e quando há chuva, a moral não sai muito limpa...

— Disparates! – respondeu a mãe. — Uma história sem moral é uma capoeira sem galinha. Vou, pois, contar uma história, mas é preciso que as meninas estejam com atenção:

Era uma vez uma nossa parenta que possuía a mania de coleccionar só objectos brilhantes: pedaços de cristal, metais, esmaltes, e em poucos meses a casa dela era um verdadeiro museu variado e valioso. E quando alguém lhe passava ao pé da porta, só de pálpebras cerradas poderia resistir a tanto brilho ali concentrado. A colecionadora mal comia. Alimentava-se a olhar para os diamantes brancos e azuis, que eram os que ela mais distinguia na sua paixão pelos brilhos. Mas, uma noite de inverno, choveu tanto, tanto, tanto, que o mundo quase se desfazia alagado em tanta chuva. Uma noite, não; enganei-me: foram três dias e três noites, fechada, sozinha, sem alimentos, e sem poder consegui-los...

— Morreu de fome, já se vê! – disse a filha mais novinha.

— Não – respondeu a raposa. — Pôs-se a gritar e ouviram-na. Ao cabo de algum trabalho, lá conseguiram chegar ao famoso esconderijo e socorreram-na como foi possível: dois frangos por sete lascas de brilhantes, outras trocas assim. Mas salvou-se, e era o importante.

— É perto daqui, minha mãe? – perguntou a do meio.

— Ainda que esteja perto, ainda que lhe toquemos com o dedo, tudo quanto não é nosso está na Lua, entendeste?

*Os Contos de António Botto*  
Marginália Editora, s/d